

PAULO BRANCO
APRESENTA

VIÚVA RICA SOLTEIRA NÃO FICA

UM FILME DE
JOSÉ FONSECA E COSTA

BIANCA BYINGTON - CUCHA CARVALHEIRO
JOSÉ RAPOSO - RICARDO PEREIRA - DIOGO DÓRIA
ROGÉRIO SAMORA - ANTON SKRZYPICIEL



E A PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DE HELENA VIEIRA
- FILOMENA CAUTELA - VÍCTOR ESPADINHA - LUÍS MASCARENHAS - CARLOS MEDEIROS - CARLOS NABAIS - JOÃO VAZ - PEDRO LACERDA

UM FILME ESCRITO POR JOSÉ FONSECA E COSTA - AUGUSTO SOBRAL - MÁRIO DE CARVALHO - JOÃO CONSTÂNCIO - JOSÉ FANHA

FOTOGRAFIA ACÁCIO DE ALMEIDA • SOM VASCO PEDROSO E ALFONSO PINO • MONTAGEM BOB WILLIAMS C. F. B. • GUARDA-ROUPA E CENÁRIOS ISABEL BRANCO
DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO CRISTINA SOARES • UMA CO-PRODUÇÃO CLAP FILMES/PLATEAU PRODUÇÕES

COM O APOIO FINANCEIRO DE: MC / ICAM - INSTITUTO DO CINEMA AUDIOVISUAL E MULTIMÉDIA • RTP - RÁDIO TELEVISÃO PORTUGUESA • IBERMEDIA ANCINE - AGÊNCIA NACIONAL DE CINEMA

www.clapfilmes.pt/viuvaricasolteiranaofica

Distribuição CLAP FILMES



BIANCA BYINGTON

D. Ana Catarina

CUCHA CARVALHEIRO

Mariana

JOSÉ RAPOSO

Abade

ROGÉRIO SAMORA

Capitão Malaparte

RICARDO PEREIRA

Adriano

DIOGO DÓRIA

Conde de Fallorca

ANTON SKRZYPICIEL

Williamson

e a participação especial de

HELENA VIEIRA

Cantora de Ópera

FILOMENA CAUTELA

Miquelina

VÍCTOR ESPADINHA

Lourenço

JOÃO MARIA PINTO

Dr.Melo

LUÍS MASCARENHAS

Dr.Santana

CARLOS MEDEIROS

D.Francisco

CARLOS NABAIS

Manuel

JOÃO VAZ

Guarda-Livros

PEDRO LACERDA

D. Jorge

PAULO BRANCO
apresenta

um filme escrito por
JOSÉ FONSECA E COSTA
AUGUSTO SOBRAL

e por
JOÃO CONSTÂNCIO
MÁRIO DE CARVALHO
JOSÉ FANHA

Fotografia de
ACÁCIO DE ALMEIDA

Técnico de Imagem Digital
ARTUR SANTANA

Montagem de
BOB WILLIAMS c.f.b
assistido por **NELSON CRAVO**

Guarda Roupas e Cenários de
ISABEL BRANCO

Música de
JACQUES OFFENBACH
JOHANN ABRAHAM PETER SCHULTZ
THOMAS BLOCH

Som Directo
VASCO PEDROSO

Direcção de Produção
CRISTINA SOARES

Uma Co-Produção
CLAP Filmes (Portugal)
PLATEAU Produções (Brasil)

Produção de
PAULO BRANCO

Realização de
JOSÉ FONSECA E COSTA

Filme produzido com o apoio financeiro do
ICAM - INSTITUTO DO CINEMA, AUDIOVISUAL E MULTIMÉDIA
RTP - RADIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL

SINOPSE

*“uma tragédia à portuguesa,
quase uma comédia...”*



Em finais do século XIX, Ana Catarina, uma jovem aristocrata, regressa a Portugal, onde a sua mão fora prometida por seu pai, D. António.

Mas, meses depois, D. Ana Catarina perde o marido e o pai, herdando assim o solar de Silgueiros e mais algumas centenas de terras vitícolas. Herdeira rica, não faltam pretendentes a D. Ana Catarina: o Conde de Fallorca, o Capitão Malaparte e Williamson, o inglês. Dividida entre o património e o verdadeiro amor, D. Ana Catarina casa e enviua vezes sem conta, enquanto o seu destino é cuidadosamente ardidado por uma maquiavélica ama e um abade que se preocupa mais com bens terrenos que com os desígnios de Deus.



HERANÇA PESADA

Ana Margarida de Carvalho, Visão

Uma viúva negra, mais concentrada no regime sucessório do que no amor.

A VISÃO na rodagem de VIÚVA RICA SOLTEIRA NÃO FICA

Mais fácil é atentarmos nas indicações do percurso. E não perdermos as ligações da AI com o IP3, ou do IC12 com o IP5. Mais fácil é falharmos o caminho - recolher as orientações contraditórias de transeuntes, que sempre ignoram as tabuletas - para o retomarmos logo a seguir. Mais fácil é chegar, por veredas e travessas, à aldeia de Loureiro de Silgueiros (distrito de Viseu) do que chegar ao cerne de **VIÚVA RICA SOLTEIRA NÃO FICA**, o novo filme de José Fonseca e Costa. Uma página A4 de sugestões itinerárias, 14 tópicos de instruções de chegada, além das avisadas precauções para vencer sucessivas rotundas. E apenas meia dúzia de linhas de uma sinopse meio emaranhada e avara em pistas. Penúltimo dia da rodagem na terra feita plateau de um filme de época (séc.XIX). Fonseca e Costa não gosta de revelar pormenores nem de desvendar finais. «Não me quero desconcentrar», justifica. «Não faço comentários, estou como o Cavaco», nos tempos em que este acalentava tabus. «Quero estar sozinho com os actores», grita no velho cemitério de Silgueiros, onde se roda uma cena de funeral. Para o realizador, a sensação de ser espreitado deve ser igual à do jornalista que presente alguém atrás do seu ombro, a olhar para o ecrã, enquanto compõe a peça. Respeitamos-lhe o recato. Por isso, toda a história de **VIÚVA RICA SOLTEIRA NÃO FICA**, se há-de reconstituir por dedução. Juntando o puzzle das conversas. Senão vejamos: a actriz brasileira (Bianca Byington) de longo vestido preto e rolos na cabeça, sentada frente ao espelho da maquilhadora deve ser Ana Catarina, «menina burguesa feita senhora nas suas a floradas 17 primaveras». Cucha Carvalheiro a «ama maquiavélica e repleta de sabedoria popular» e José Raposo «um abade/padre, verdadeiro agente da nação». E está constituído o núcleo central da história, um trio, em torno do qual vão girando os maridos de Ana Catarina, mortos à vez, por estranhas coincidências - como se as coincidências não fossem sempre estranhas...

A mulher-aranha

A meio do dia, muitos takes e declarações recolhidas depois, já deu para perceber que aquela viúva que compõe um ar compungido, durante as filmagens, e responde numa voz átona, deve ter sido o género de noiva que só atenta no final do pregão nupcial. Naquela parte em que o padre diz «até que a morte os separe». Interceptando os olhares conspirativos com a ama, suspeita-se que elas já andem tão empenhadas no seu dever, que não haja razão nem compaixão que as detenha. O remédio pouco santo é pó de vidro dissolvido na sopa dos maridos. A ama pactua, o padre absolve e Ana Catarina acumula heranças e engorda fortunas. Pode entrar o próximo pretendente a defunto. Que, nesta manhã, é Diogo Dória (Conde de Fallorca). O actor que, pela primeira vez, trabalha com José Fonseca e Costa, e habituado que está ao estilo manoelino, espanta-se como o realizador consegue casar tantos registos diferentes. O seu próprio, com estreitas ligações ao teatro e a Manoel de Oliveira, e outros géneros mais humorísticos e revisteiros, como o de José Raposo ou ainda, noutra tabuleiro, o de Vítor Espadinha. Esta comédia negra faz-lhe lembrar uma peça de Fassbinder. «Sou um marido impotente. A única coisa que faço é vesti-la de jóias», comenta. E a sua participação na história termina da maneira que nós já sabemos e ele nem conjectura.

«Eu sou o marido que dura mais porque sou bom na cama», refere Rogério Samora, o Capitão Malaparte - e atenção para não confundir com Malatesta: «Isso enerva-me.» Desde Kilas, o Mau da Fita (1980), que Samora ambicionava trabalhar com Fonseca e Costa. Fez um casting para o Sem Sombra de Pecado (1982), mas foi preterido por Mário Viegas. «Fonseca e Costa já disse que o que fica dos filmes são os nomes dos actores e as suas caras. Nunca ouvi um realizador dizer isto, é de uma elegância e ternura que não passa pela cabeça. ...», continua o capitão.

José Raposo, que tem sido tão esquecido pelos realizadores (a sua única participação de alguma projecção foi em Noite Escura, de João Canijo), destaca a capacidade de direcção de actores de Fonseca e Costa. O abade tem um afilhado, Adriano, protagonizado por Ricardo Pereira. É ele o único que escapa ao prato de sopa fatídico (nas comédias, até nas negras, o amor triunfa sempre...). É ele o único, também, que já havia contracenado com Bianca, na novela Como Uma Onda.

Desde Setembro, mal a actriz brasileira chegou a Portugal, que ela e Cucha Carvalheiro se vêm encontrando longe da indiscrição das câmaras. Para quebrar o gelo, para irem tecendo a teia cúmplice e funesta da viúva negra. Nesta quase tragédia (que à morte acrescenta o riso), Cucha é talvez a personagem mais estimulante do argumento: «Sou a criada velha da casa. Uma mulher que guarda ressentimentos em relação aos homens. Naquele tempo era frequente o direito de pernada - o patrão tinha o direito de ter relações com as criadas, que nunca casavam e ficavam à sua mercê...» E depressa se percebe que a sabedoria da solteirona lhe advém mais da experiência do que do ouvido.

Natureza morta

«Vamos lá ver, se isto agora sai como eu quero», anuncia Fonseca e Costa. E detém-se em inúmeros pormenores de enquadramento. Encena aquela coreografia de enterro, cumprimentos e diálogos minimalistas. Sucedem-se os takes. Diogo Dória há-de beijar dezenas de vezes a mão de Byington. Tantas quantas José Raposo há-de fechar a porta do cemitério. Cinema é repetição, é monotonia. Não há coro de carpideiras, não há palavras, só acenos, olhares, beija-mãos. E uma coroa de flores falsas sempre a perder as folhas, agrafadas pelo aderecista nos intervalos. Na verdade, a cena do funeral é um bocado... morta.

No velho cemitério, as lápides jazem no chão. Já mal se lêem as inscrições, invadidas pela vegetação rasteira. As cercaduras das campas estão retorcidas e enferrujadas. Há muito que os mortos desta terra não são enterrados naquela. É - arrisca-se a redundância - um cemitério fantasma. No meio das campas abandonadas, e das lápides cinematográficas leves de esferovite, há uma que talvez conserve a dignidade de outrora. É a do reverendo João da Fonseca, falecido em 1875. Não se trata de um acaso a coincidência do apelido. O clérigo é antepassado do realizador e Silgueiros a terra de família. Também não é coincidência que a pia baptismal da igreja tenha sido a mesma onde Cucha recebeu os salpicos de água benta. Ela é irmã do realizador, e este é um papel difícil de representar: «Ser dirigida pelo meu irmão traz uma responsabilidade acrescida. Sinto que não posso falhar, sob pena achar que só faço o filme por o realizador ser meu irmão, isso inconscientemente pesa. Mas gerimos isso bem... No plateau temos uma relação profissional e os arrufos normais entre realizador e actor.»

Era durante as férias, aos serões, numa casa ainda sem electricidade, que Fonseca e Costa e a irmã ouviam dos velhos tios a história verídica de uma mulher que acumulava maridos e heranças. E a recordação de infância ficou-lhe latente até ao guião. «O meu irmão pediu-me para falar como a nossa avó», confia Cucha. Não com aquele *achim* carregado das beiras. Antes aquele jeito subtil de prolongar os *ésses* no fim das *palavrrasssss*.

* * * * *

MAIS HERDEIRA DO QUE VIÚVA

Paula Cardoso Almeida, Diário de Notícias

Um Outono de finais do século XIX. Vigésimo quinto dia de filmagem. Dona Ana Catarina enviuvou do primeiro marido. O capitão Malatesta - perdão, Malaparte - e o conde de Fallorca disputam a atenção e o amor da bela jovem. "Atenção, silêncio na casa! por favor", ouve-se pela enésima vez, ao meio da manhã, no agora rebaptizado Solar de Silgueiros. É a quinta semana de rodagens e está-se exactamente a meio de **VIÚVA RICA SOLTEIRA NÃO FICA**, o novo filme de José Fonseca e Costa, produzido pela Madragoa Filmes e rodado quase em exclusivo na Casa da Ínsua, na periferia da vila de Penalva do Castelo, concelho do distrito de Viseu. "Atenção, silêncio, por favor. Vamos filmar. Som pedido", repete a mesma voz. O conde de Fallorca (Diogo Dória) sobe, apressado, a escadaria. Chapéu castanho na mão, fato esverdeado, boas maneiras e linguagem requintada. Há, contudo, algo de curioso, de lúdico, na personagem. Antes de responder a este mistério, Diogo terá ainda de ouvir indicações do realizador; "Esqueceste-te outra vez de juntar as mãos." Fallorca volta a descer para, de seguida, subir os mesmos degraus. Movimento que repetirá até à hora do almoço. No cimo esperam-no Malatesta (nome pelo qual o conde insiste em tratar o capitão) e Ana Catarina, a "viúva rica, solteira não fica". "Ainda não te doem as pernas? És tão velho, Diogo!", troça, num momento de descontração, Rogério Samora, enquanto acaricia subtilmente o bigode do seu capitão Malaparte. O conde é, efectivamente, e apesar da idade, um homem vivido e apessoado. E o capitão é... "Cortou!". Bem, o capitão tem que sincronizar melhor os passos.

Pretendentes

Entre as mãos de Fallorca e as pernas de Malaparte paira o sorriso quase irónico de Ana Catarina (Bianca Byington). Tão sarcástico como o seu longo vestido negro, tonalidade que virá a pintar a vida da formosa herdeira rica. O dinheiro não é aqui, no entanto, uma palavra-chave. Os pretendentes ao leito da dama brasileira são igualmente abastados. E ambos a desposarão. O vestido negro voltará, porém, a sair do armário (o guarda-roupa da burguesa inclui ainda cerca de 30 outros sumptuosos vestidos) e será pretexto para novas investidas de outros candidatos... à morte. "Neste preciso momento em que falo eu já estou morto. Estou prestes a sucumbir a uma síncope", diz, ao DN, Diogo Dória (ou será o conde de Fallorca?). Põe a mão no peito, finge que desmaia... o seu rosto assume diferentes expressões e acaba por confessar: "Eu jogo o jogo de um pretendente impotente, cuja única relação que tem com ela é oferecer-lhe jóias." E eis que surge a explicação para o divertimento que sugere esta personagem. Malaparte continua especado à espera que Fallorca suba, de novo, o lanço de escadas. Há um ano, aliás, que Rogério Samora aguardava o início da rodagem de **VIÚVA RICA SOLTEIRA NÃO FICA**. Deixou crescer o cabelo e aprendeu a montar a cavalo para trabalhar pela primeira vez (tal como Diogo Dória) com Fonseca e Costa e poder concretizar, assim, um "desejo antigo". Ajeita a farda, passa suavemente dois dedos pelo elegante bigode, olha para o topo da escadaria, sorri como só os galãs sabem sorrir e sussurra as palavras mágicas: "Tenho mulher." (risos) Vira costas, passo largo em direcção ao Trovão, o seu cavalo. "Não falo da minha personagem ou do filme", reage rapidamente. Repensa e acaba, entre o cabeleireiro e a maquilhagem, por dizer que este é um filme de "surpresas", uma "comédia negra". "É, para mim, uma hierarquia de amores." Irrita-se. Acha que já revelou de mais do filme, que, assevera o actor, poderá pôr termo aos seus 28 anos de carreira. "Estou farto. Quero-me dedicar à fotografia e ao ensino", ri e não se percebe se fala a sério ou a brincar. Sobre **VIÚVA RICA SOLTEIRA NÃO FICA** Samora voltará ainda a falar. Sublinhará os "cruzamentos" do argumento, projectando-o para a "alta comédia", em que o "humor refinado" é rei e senhor. "As coisas não são ditas, dão-se a entender." Um Outono de meados de Novembro do século XXI. O conde e o capitão deram por finda a sua visita de cortesia ao Solar de Silgueiros. Mas a sequência ainda não está concluída. Mariana (Cucha Carvalheiro) está à espreita.

Popular, intriguista, coscuvilheira, ela é a velha governanta e ama de Ana Catarina. Manipuladora, é a única família da "pobre menina". Cucha Carvalho também não quer falar muito da sua "sinistra" personagem. Não precisa. O olhar de Mariana desvenda todos os seus segredos.

O conde de Fallorca e o capitão Malaparte saem. Mariana abre a porta e espreita. "Não é nada disto que eu quero." Fonseca e Costa levanta-se. "Não é esse o olhar, Cucha," Uns segundos de concentração e avista-se o tal olhar cómico-trágico. Poderia ser uma metáfora do filme se não fosse "tão complicado fazer rir", solta José Fonseca e Costa. São, de resto, as únicas palavras que o realizador dirá sobre **VIÚVA RICA SOLTEIRA NÃO FICA**. Uma comédia, pois claro!

* * * * *

“COMÉDIA RASGADA, FARSA OU TRAGÉDIA?”

Paula Cardoso Almeida, Diário de Notícias

A chegada do Brasil de D. Ana Catarina, já de luto, pela morte do pai e do primeiro marido, dá o mote para o início de **VIÚVA RICA SOLTEIRA NÃO FICA**. Bianca Byington gosta de pensar que estava romanticamente destinada a protagonizar a película. É um pensamento que agrada à actriz brasileira, a trabalhar pela primeira vez em Portugal.

Há cerca de seis anos que sabe da existência de D. Ana Catarina, mas só em 2002 José Fonseca e Costa lhe falou a sério do filme, numa vinda da actriz ao nosso país. Nessa altura ficou decidido que seria Bianca Byington a dar consistência à intrigante personagem.

O tom do filme foi, até ao começo da rodagem e mesmo depois, a grande dúvida da actriz, "se seria uma comédia rasgada, uma farsa ou uma tragédia". Teve medo. "O tom era muito perigoso e arriscado", confessa, ao DN, esboçando um tímido sorriso. "Sabe, eu sou mais uma actriz cómica do que dramática."

O espírito de **VIÚVA RICA SOLTEIRA NÃO FICA** foi-se, entretanto, definindo. Muito à custa da evolução do papel da protagonista: que começa por ser uma bela adolescente que, por imposição paterna, se casa duas vezes, e revela-se, depois, uma sensual mulher a iniciar-se na arte de descobrir e apreciar os prazeres da vida. "Não é fácil", reconhece Bianca, a quem o vestido negro de D. Ana Catarina já não obriga a qualquer ironia...

"Foi-me exigida uma enormíssima flexibilidade", acrescenta. Pára um pouco para pensar. Não quer que haja qualquer equívoco. " Você está conseguindo perceber?", questiona. -Volta a sublinhar a complexidade da sua personagem. "Eu não sou cómica, embora algumas personagens que me rodeiam o sejam." E é esse o grande desafio da actriz: tentar construir uma linha de representação, sem realmente abraçar a loucura ou a comédia. Para encarnar a dama burguesa, Bianca Bymgton procurou um equilíbrio algures entre uma "tragédia profunda de emoções e o humor". A cena pode até ser engraçada, mas não Ana Catarina. Sorri, arranja o cabelo, faz um pequeno compasso de espera e repete: "não é fácil". E, depois, como se estivesse a fazer uma grande revelação, diz que é essa busca pela subtilidade que é interessante na fita. Bianca desembarcou em Portugal no princípio de Outubro. Desconhecia todo o elenco. "Nem sequer o Zé [Fonseca e Costa] conhecia muito bem". O modo de trabalhar é diferente do cinema brasileiro e o facto de praticamente toda a acção se passar na Casa da Ínsua torna "tudo mais intenso". Encontramo-la mais tarde a vaguear pelos jardins quase parisienses do solar de Penalva do Castelo. Aí fala um pouco mais sobre **VIÚVA RICA SOLTEIRA NÃO FICA**, um argumento "muito bonito e poético", que garante ser também uma "história de amor". Uma história de amor vivida numa casa de sonho. A Casa da Ínsua era, de resto, o único cenário concebível para José Fonseca e Costa, que há muito tempo - "desde o século passado" (altura em que o realizador afirma, ironicamente, ter nascido o filme) - tinha idealizado a rotação naquele local. "Cheguei a ver um solar em Ponte de Lima, mas não era bem a mesma coisa", explicou.



BIOFILMOGRAFIA

Natural de Caála, Angola, onde nasce a 27 de Junho de 1933. Vem viver para Lisboa em 1945 onde frequenta a Faculdade de Direito (1951/1955) , cujos estudos interrompe para se dedicar às actividades cinematográficas. Faz crítica de Cinema nas revistas "Imagem" e "Seara Nova", traduz para português livros de teoria cinematográfica da autoria de Eisenstein ("Reflexões de um Cineasta") e Guido Aristarco ("Storie delle Teoriche del Film") e alguns romances, entre eles, "Il Compagno", de Cesare Pavese e "Passione di Rosa" , de Alba de Cespedes.

Membro da Direcção do Cineclube Imagem, participa no I Encontro dos Cineclubes, realizado em Santarém, decisivo para a opção da profissão cinematográfica. Com a criação e a entrada em funcionamento da RTP, concorre, em 1958, ao lugar de Assistente de Realização. Tendo sido classificado em 1º lugar é impedido, por interferência da PIDE, de entrar nos quadros da Empresa.

Desenvolve actividade editorial através da Editora Arcádia, onde lança uma colecção de obras sobre assuntos cinematográficos, promovendo, também, a publicação de uma importante colecção de ficcionistas portugueses e de expressão portuguesa.

Em 1960 é-lhe recusada uma bolsa de estudo, solicitada ao Fundo do Cinema Nacional, para frequência de um curso de cinema no estrangeiro, novamente por informação da PIDE, em cujas prisões é encarcerado por actividades de oposição política à Ditadura. Inicia a sua formação profissional estagiando em Itália, em 1961/62, onde trabalha com Michelangelo Antonioni ("L'Eclisse").

A partir de 1964, de regresso a Portugal, dedica-se à produção e realização de filmes publicitários, o que lhe vale, no I Festival do Filme Publicitário Português, nesse ano, a obtenção do Grande Prémio do Filme Publicitário. Produz e dirige centenas de filmes publicitários e alguns documentários industriais e turísticos, actividade que interrompe a partir dos anos 70, quando dirige o seu primeiro filme de ficção.

Foi sócio fundador e dirigente, nos anos 60, do Centro Português de Cinema, e, mais recentemente, da "Associação de Realizadores de Cinema e Audiovisuais", de cuja primeira Direcção foi o Presidente.

Foi eleito Vogal e, depois, Presidente do Conselho de Administração da Tobis Portuguesa SA., entre 1992 e 1996 , onde concebe um projecto de reequipamento e modernização da empresa a que chama "Cidade do Cinema", inspirado num texto de Reinaldo Ferreira, em homenagem à memória dos arquitectos Cassiano Branco e Jorge Segurado, abandonado com a sua saída da empresa.

Foi nomeado, em 1998, para representar o Ministério da Economia no recém-criado Conselho Superior do Cinema, do Audiovisual e do Multimédia, onde nunca chegou a exercer funções .

Foi eleito para o Conselho de Opinião da RTP em sessão da Assembleia da República realizada a 2 de Novembro de 2000.

Neste momento, dedica a sua actividade ao ensino universitário de disciplinas cinematográficas, à escrita de crónicas jornalísticas e dos Argumentos dos seus filmes.

O Recado (1972)

Os Demónios de Alcácer Quibir (1977)

Kilas, o Mau da Fita (1980)

Sem Sombra de Pecado (1983)

Balada da Praia dos Cães (1986)

A Mulher do Próximo (1988)

Os Cornos de Cronos (1991)

Cinco Dias, Cinco Noites (1996)

O Fascínio (2003)

Viúva Rica Solteira Não Fica (2006)